

RESENHA SOBRE A OBRA THE RIGHT TO MAIM: DEBILITY, CAPACITY, DISABILITY DR JASBIR PUAR

*Neuton Silva Neto*¹

Obra Resenhada: PUAR, Jasbir K. **The Right to Maim: Debility, Capacity, Disability**. Durham and London: Duke University Press, 2017.

Jasbir K. Puar é professora da Universidade Rutgers, no estado de Nova Jérsei, nos EUA desde 2000. Atua como docente e diretora de estudos sobre mulheres e gênero na mesma universidade. Sua obra mais premiada, *Terrorist Assemblages: Homonationalism in Queer Times*, foi traduzido para diversas línguas. Para além de obras sobre gênero, Jasbir Puar também escreve para diversos jornais e revistas.

¹ Mestre em relações Internacionais pela Universidade Federal da Bahia.

A obra resenhada, *The Right to Maim: Debility, capacity, disability*, é descrita pela autora como um trabalho sobre o estado liberal, sexualidade e biopolítica para dar suporte à compreensão acerca de *disability*². Segundo texto fornecido pela própria autora em seu *website*, “She shows how debility, disability, and capacity together constitute an assemblage that states use to control populations.” (PUAR, 2019).

A obra não foi escolhida como fonte desta resenha por mero acaso. A assunção de conhecimentos em quaisquer áreas pressupõe ler e tentar compreender um amplo espectro de visões. Definitivamente, ler *The Right to Maim* auxilia, de forma responsável e contundente, nesta compreensão mais ampla.

A obra é dividida em 4 capítulos, além de uma introdução e um *postscriptum*. No primeiro capítulo, ela aborda a questão de incapacidade (*disabled*) na relação com os corpos das pessoas transexuais. No segundo, acerca do nacionalismo entre aleijados (*crip*) e a questão de próteses e o desastre do capitalismo. No terceiro capítulo, a diáspora entre incapacitados e o estado reabilitador. Por fim, no quarto capítulo, ela descreve a debilitação e a biopolítica não humana na Palestina.

Na introdução, já há a descrição dos conceitos a ser aplicados. Puar aponta que *debility* e *disability* podem ser pensados como conceitos descrevendo fenômenos similares sobre o capitalismo atual, que atingem diferentes efeitos e emaranham possibilidades e limitações políticas. A tecnologia é empenhada pela autora, bem como a morte lenta, como debilidade e capacidade sem depender de políticas tradicionais e diretas, numa esfera pública racional de atores políticos, circunscritos no binarismo de resistência/passividade.

Ao analisar o suicídio de um jovem rapaz gay numa universidade em Nova Jérsei, Puar estabelece uma relação do que ela chamou de *lifelogging*, em que as relações cibernéticas proliferam novos elos entre o público e o privado, com velocidade tão intensa que estamos lidando com os efeitos desta repadronização antes de compreender os efeitos dela. Isto gera, segundo Puar, um ideal de vida desejável nas

² A tradução adequada seria deficiência. Optei por não fazer a tradução.

mentes das pessoas. Ora, o objetivo de vida não é mais o de vida boa, mas a vida capaz de gerar algum tipo de sentimento nas outras pessoas.

A autora diz que a obra está circunscrita na interrelação dos estudos de *disability*, estudos críticos sobre raça e a virada afetiva, todos os campos que colocam coação sobre o privilégio do sujeito como principal local de interpelação corporal. Os locais de luta e seus alvos incluem, aí, construtivismo social, epistemologia, psicanálise, humanismo e *agency*.

Já a virada afetiva está para além da consolidação da dispersão do afeto enquanto categoria de análise. Afeto, destaca Puar, é a abertura esperançosa do corpo, algo especulativo, não ligada à dialética da esperança ou desespero, mas uma afirmação porosa do que poderia ou deveria ser. Neste sentido, uma análise possível da afetividade é que não há *debility* pura ou *capacity* pura.

Puar afirma que o mandato político por sobre concepções de *disability* é por o binário debilitado/não debilitado em diálogo com a comunhão de *disability*, *capacity* e *debility*.

Capacity e *Debility* implicam teorizações não apenas das áreas disciplinares específicas, mas técnicas de controle sociais mais amplas, fazendo uma mudança em termos de regulamentação da normatividade que Foucault chamaria de regulação dos corpos, ou o que vem sendo chamado de “era do controle biológico”, afirma a autora. Interessante frisar que a extração e exploração dos corpos e situações de hábito, não apenas nos indivíduos. Puar ainda frisa que há certos corpos que são mais sujeitos à prisão das instituições disciplinares.

Já na última parte da introdução, ela diz que num esforço de se abrir a *capacity* como fonte de geração de afeto político, mais do que apenas um fechamento em torno das demandas liberais, questiona-se: pode o subalterno falar?

Com os conceitos bem explanados na introdução, Puar principia análise de objetos diversos nos capítulos seguintes. No primeiro, ela trata de questões relativas ao corpo das pessoas transexuais, mas dá um foco nos EUA. Ela destaca, através de um discurso de Joe Biden, que há uma aparente lógica teleológica de direitos humanos mais acessíveis a populações excluídas, seguindo o seguinte roteiro: negros, homossexuais e

transexuais. Contudo, a falha da discussão do ser transgênero reside na falta de interseccionalidade. Ela critica o fato de o movimento feminista não conseguir transpor a normatividade de gênero para incluir os/as³ transexuais nos debates.

Puar também aborda a questão da dependência do corpo das pessoas transexuais dos aparatos que dão funcionalidade às questões de gênero. Também estabelece uma relação com a *American with Disabilities Act (ADA)*, cujo aparato legal propõe uma cena para o *status* contraditório da deficiência e manutenção da normatividade de gênero como requisito para o *status* da deficiência, organizado por hierarquia de raça, define Jasbir.

O segundo capítulo ela trata sobre a questão dos deficientes, da questão de próteses e do desastre do capitalismo. De início, narra o aparato estatal no entorno das guerras, elencando com o fato de a mutilação ser uma consequência da guerra, bem como uma pressuposição do aparato estatal na organização do trabalho. Trabalho e guerra são plano de fundo para as atividades debilitantes, bem como imperialismo dos EUA, injustiça global, exploração de trabalho, indústria do encarceramento e ambiente tóxico. Puar destaca que, nestes casos, o acidente é algo inerente, e não lamentável. As máquinas de guerra e de trabalho necessitam de corpos que são preordenados para mutilação. A distribuição biopolítica entre *disability* e acidente e a proliferação da debilitação de guerra, é largamente mantida através da estrutura de direitos aos desabilitados.

Em seguida, ela apresenta o que chamou de biopolítica da debilitação. Esta fora apresentada é uma estrutura analítica que nos permite ver as relações de montagem de *disability*, *debility* e *capacity*. Esta montagem não apenas desindividualiza *disability*, como muda o postulado da deficiência conforme uma experiência coletiva, quanto nuança a população através da observação dos diferenciais e das precariedades desiguais.

Já no terceiro aborda a questão Israel e Palestina através do espectro de análise do *Queer Politics*. Puar principia descrevendo um comercial cujo foco é a comunidade

³ No inglês, artigo não possui gênero. Logo, interpreto que a Puar fala tanto do gênero masculino quanto do feminino ao se reportar às pessoas trans. Destarte, serão usados os dois artigos quando necessário.

LGBTI dos EUA e Canadá, em que afirma que, em Israel, todo amor é bem-vindo. Contudo, isto, para a autora, é *pinkwashing*, ou seja, estabelecer que certos direitos são respeitados para turvar, ou até mesmo legitimar, as violações contra o povo palestino. Também, este movimento se torna colonialista, ao tratar Israel como destino LGBTI, propõe a Palestina como sendo homofóbica. Isto tem efeito, também, na mentalidade do próprio povo palestino.

Puar chama a atenção para o fato de que os entrelaçamentos militares, afetivos, financeiros e ideológicos dos EUA e dos assentados israelenses não devem ser minimizados ao se considerar a emergência do *pinkwashing* como estratégia discursiva. Desta forma, a questão homossexual toma corpo no discurso colonializador no sentido de estabelecer um discurso direcionado aos gays de segurança e de possibilidade de defesa dos ideais. Em uma propaganda exibida no livro, Puar demonstra o discurso neste sentido da seguinte forma: “Onde, no Oriente Médio, oficiais gays podem salvar seu país? Em Israel. Defenda a Democracia. Defenda Israel” (PUAR, 2017, p.98). Neste sentido o ponto de análise do capítulo se dá na pesquisa mais recente sobre a relação entre a resolução que criou o Estado de Israel nos direitos reprodutivos, *disability* organizada e direitos LGBTI.

Puar, ao falar da questão da diáspora judaica e do retorno, lembra que os corpos palestinos são os debilitados, em contraste com os corpos reabilitados dos israelenses. A definição de *disability* na Palestina está em constante evolução. A ocupação pode ser entendida como desabilitante para toda uma população palestina através da restrição de mobilidade.

O quarto, intitulado “*Will not die: debility and inhuman Biopolitics in Palestine*”, Puar aborda alguns pontos sobre as investidas israelenses na Palestina. Com relatórios advindos de organizações como a Médicos Sem Fronteiras, ela atesta violações em diversas frentes, especialmente às da Convenção de Genebra. As dificuldades de acesso dos médicos aos feridos são um sinal desta questão.

A aplicação da biopolítica como forma de controle se dá de maneira cotidiana. Puar argumenta que há uma prática de mutilação deliberada. Ou seja, há uma cadeia de comando que estabelece que o ambiente e os corpos palestinos devam ser debilitados.

Também, ela trata de levar a questão da biopolítica da debilitação à maior extensão, percebendo como a população disponível para lesão é capacitada para colonizar através da debilitação explícita. Médicos afirmam, segundo Puar, que há uma ordem específica de “atirar para aleijar”, como uma resposta preventiva à possíveis intifadas, usando de meios proibidos por direito internacional humanitário. Israel se defende que deixar viver é menos violento que a morte, e “atirar para aleijar” seria um movimento de guerra humanitário.

Puar argumenta que a resignificação de estruturas de serviços de Gaza como “estruturas terroristas” justificam a política israelense de “terrorismo de infraestrutura”. Os ataques à infraestrutura é componente essencial da regulação biopolítica de colapso humanitário maleável. Estes ataques, aliados à ideia de aleijamento, são fruto de mirar não a vida em si, mas a resistência. Ou seja, um sufocamento da população na faixa de Gaza.

Puar diz que oferta a análise deste capítulo através de uma “hermenêutica anti-sionista”, que insiste em falar da debilidade como uma forma de governança de biopolítica. Esta hermenêutica não tenta excepcionalizar a Palestina nem tornar visível através de um quadro comparativo, mas compreender a intensificação dos modos de controle biopolítica que são contínuos e ressonantes com os modos históricos e com espaços geopolíticos contemporâneos.

O *post scriptum* finda a análise dela com aspectos de uma visita feita na Cisjordânia e no leste de Jerusalém. Neste sentido, ela pode verificar o conceito de *disability* debatido na obra em campo. Enquanto a ONU coloca o *disability* como sendo como uma aflição individual e com foco em integração de trabalho e estudo, iniciativas de empoderamento e estigma de desafios. No campo, se verificou que o conceito passa a englobar uma população, no caso, a palestina, que está em *disability*, com formas de punição coletiva que restringe a mobilidade de quase todos. Neste caso, se tornar deficiente não é um evento de antes e depois, mas uma navegação contínua, com formas cotidianas de bloqueio que atraem as populações para dentro e fora de experiências capacitadoras e debilitadoras, afirma Puar.

Por fim, a obra de Jasbir Puar é profundamente interessante no que tange à análise mais profunda dos conceitos de *disability*, *capacity* e *debility*. A aplicação destes conceitos de forma mais ampla, não apenas a populações específicas, instiga e estimula o leitor a buscar compreender mais a fundo os conceitos e tentar aplicar em outras localidades. Neste caso, como latino-americano, gostaria de ver uma discussão de Puar, com seus conceitos, com questões próprias da região.

Referências

PUAR, Jasbir K.. **About**. Disponível em: <<http://jasbirkpuar.com/>>. Acesso em: julho de 2019.

PUAR, Jasbir K.. **The Right to Maim**. Disponível em: <<http://jasbirkpuar.com/the-right-to-maim/>>. Acesso em: julho de 2019.